

A erótica literária no modernismo brasileiro¹

Prof. Dra. Eliane Robert Moraes*
(PUC-SP e SENAC-SP)

Resumo:

Embora a intenção obscena se faça presente desde os primórdios de nossa cultura escrita, a admissão explícita do erotismo como expressão literária só ganha evidência no Brasil a partir da Semana de 22. Já no prefácio a Macunaíma, Mário de Andrade atenta para o fato de que o país tem uma “pornografia desorganizada”, mas nem por isso menos rica do que a literatura erótica de outros povos. Não surpreende que essa curiosidade tenha sido expressa justamente por um modernista, já que o movimento buscava, de um lado, a conquista de um novo olhar para o Brasil que levasse em conta formas mais “rebaixadas” de cultura, e de outro, uma sintonia com as vanguardas européias que, em grande parte, voltavam particular atenção para as expressões do erotismo. Unidos desse interesse, os modernistas se empenharam tanto na pesquisa de tal vertente como na criação de obras do gênero.

Palavras-chave: Macunaíma, Mário de Andrade, pornografia, erotismo literário, modernismo brasileiro

Num de seus mais belos poemas eróticos, Verlaine faz uma celebração do sexo feminino que, jogando com notável ambigüidade, propõe a associação da “cona à lira, em cujas pregas, cordas, a língua delira”.² Os versos da ousada “Homenagem Devida” que o poeta francês dedica às mulheres remetem, desse modo, tanto aos procedimentos da linguagem poética quanto às práticas sexuais que o órgão da língua enseja: ao delírio do corpo corresponde o delírio da palavra que, segundo o autor, seria a dimensão privilegiada da escrita ao representar os atos lúbricos.

Com efeito, a literatura erótica ocidental, pelo menos desde o Renascimento, caracteriza-se em grande parte por uma ênfase no que poderíamos chamar de “rebaixamento” da língua. Ao invés de abordar a matéria sexual com metáforas elevadas, parcela significativa de seus autores prefere declinar a voz ao nível das partes baixas do corpo, criando um tipo de texto que se concentra no que Bakhtin denominou de “baixo corporal” em seu conhecido estudo sobre a obra de Rabelais. Ainda que tal procedimento se realize de diversas formas – seja no emprego de palavras chulas ou na invenção de termos burlescos, seja na opção pelo viés satírico ou na criação de imagens hiperbólicas do desejo –, a marca distintiva desses escritos tende a ser a encenação do delírio erótico ao qual alude Verlaine.

Ora, no âmbito brasileiro, o reconhecimento dessa dimensão textual específica – seja ela considerada erótica ou pornográfica –, implica certas particularidades às quais se tem voltado pouco interesse. Embora a intenção obscena se faça presente já desde os primórdios de nossa cultura escrita – basta lembrar, para tanto, a extensa obra fescenina de Gregório de Matos –, seu acolhimento no círculo das letras do país parece ser bem mais recente. Talvez se possa afirmar que,

¹ Este texto retoma, com diversas modificações, um artigo de minha autoria intitulado “Essa sacanagem” publicado na revista *IDE Psicanálise e Cultura*, nº. 41, São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicanálise, 2005.

² Paul VERLAINE, “Hommage Dû”/“Homenagem Devida” In José Paulo Paes (org.) *Poesia Erótica em Tradução*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 131.

entre nós, a admissão do erotismo como expressão literária só começa a ganhar certa evidência a partir da Semana de 22, com o surgimento do Modernismo.

Já no prefácio a *Macunaíma*, Mário de Andrade observa que, no Brasil, “as literaturas rapsódicas e religiosas são frequentemente pornográficas e sensuais. Não careço de citar exemplos. Uma pornografia desorganizada é também da quotidianidade nacional”. Em contraposição a essa “pornografia desorganizada”, dispersa na cultura popular, o escritor vai evocar aquelas formas de “pornografia organizada” que entre “os alemães científicos, os franceses de sociedade, os gregos filosóficos, os indianos especialistas, os turcos poéticos, etc, existiram e existem, nós sabemos. A pornografia entre eles possui caráter étnico. Já se falam que três brasileiros estão juntos, estão falando porcaria... De fato”.³

Se, a princípio, as palavras de Mário sugerem simplesmente que o sexo é matéria corrente no folclore brasileiro, sua afirmação final torna-se bem mais abrangente, supondo a pornografia como uma das expressões privilegiadas do “ente nacional”. Seria de se esperar, portanto, que ela estivesse presente não só nas formas literárias da cultura popular, mas ainda no conjunto maior de textos que compõem a literatura do país. Todavia, no caso do Brasil, a passagem do coloquial para o livro constitui uma questão problemática e, por isso mesmo, não pode ser presumida sem riscos. Daí, sem dúvida, o interesse que ela suscita nos escritores modernistas.

Daí também que o autor de *Macunaíma* vá opor a “pornografia organizada” de outros povos ao prosaico hábito de “falar porcaria” próprio dos brasileiros. A contraposição entre o registro escrito e a dispersão da fala, desdobrando-se no contraste entre o erudito e o popular, supõe não só a diferença entre o estrangeiro e o nacional, mas igualmente o conflito entre o pólo alto e o baixo da nossa própria cultura. Assim, se o sexo aparece com mais frequência e de forma mais explícita nos textos populares, como insiste o escritor, isso provavelmente se deve à origem oral desse tipo de texto. Não por acaso, seu prefácio cita justamente os gêneros marcados pela oralidade, derivados dos cantos folclóricos ou das rezas religiosas. De resto, as palavras de Mário reforçam a dificuldade de reconhecer a pornografia no cânone literário do país.

Há pelo menos duas razões de relevo que concorrem para reiterar essa dificuldade. A primeira excede o âmbito nacional e diz respeito à expressão moderna do erotismo literário que, com raras exceções, quase sempre foi objeto de proibições nas sociedades ocidentais e, por isso, produzido e difundido na clandestinidade. Por certo, essa característica não teria sido diferente no Brasil, cuja história traz fortes marcas da moral cristã que, aliada a outras formas de repressão, também desenvolveu mecanismos eficazes de censura às manifestações licenciosas.⁴

O segundo motivo é justamente aquele que se pode depreender das palavras de Mário de Andrade: desconhecida, nossa produção erótica mais erudita nunca foi assimilada nos meios acadêmicos e intelectuais do país; já a pornografia de caráter eminentemente popular, embora conhecida por todos, ficou igualmente à margem do sistema literário, sem jamais ter sido objeto que qualquer tipo de “organização”.

Não surpreende, pois, que o erotismo literário brasileiro tenha chamado atenção da turma de 22, uma vez que o nosso Modernismo reunia pelo menos duas preocupações fundamentais para constituir tal interesse: de um lado, a busca de uma sintonia com o pensamento iconoclasta das vanguardas européias que, em grande parte, se voltava com particular interesse para as expressões da erótica. Unidos dessa curiosidade, os modernistas tupiniquins não só se empenharam na

³ Escrito logo após a primeira redação do romance e datado de 19 de dezembro de 1926, trata-se de um prefácio que o autor nunca chegou a publicar. Cf. Mário de ANDRADE, *Macunaíma*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

⁴ Para uma abordagem inicial ao tema, remeto a meu artigo “Eros bem comportado”, publicado no caderno *Mais!*, suplemento de “A Folha de São Paulo”, São Paulo, 24.08.97.

pesquisa dessa vertente, buscando suas fontes na “quotidianidade nacional”, como também na criação de obras obscenas.

De outro lado, o que é mais importante ainda nesse caso, o movimento buscava esboçar um novo rosto para o Brasil, no empenho de incorporar traços de sua diversidade cultural. Para tanto, era preciso agregar elementos folclóricos e populares à escrita erudita e, sobretudo, conquistar definitivamente a linguagem coloquial para a literatura. Tratava-se, pois, de levar em conta formas mais “rebaixadas” da língua, por mais “impuras” que fossem, sem excluir nem mesmo as “porcarias”.

Entende-se por que a admissão da pornografia no sistema cultural brasileiro está intimamente relacionada à incorporação da língua falada à literatura, o que vai acontecer de forma mais intensa apenas a partir do Modernismo. Ou seja, para parodiar o conhecido verso de Manuel Bandeira, os traços de nossa erótica literária só começam a ganhar evidência quando deixamos de “macaquear sintaxes lusíadas” para falar o “português errado do povo”.

Macunaíma é um personagem exemplar nesse sentido, tanto por sua origem popular quanto por ser um “herói sem nenhum caráter”, o que o coloca em franca oposição à seriedade, ao juízo, ao bom comportamento, enfim ao conjunto de valores que têm por base a moral virtuosa e os bons costumes. Safado e moleque, preguiçoso por definição, ele evita ao máximo fazer qualquer esforço que não resulte em gozo, conforme a justa observação de Darcy Ribeiro.⁵ Por isso mesmo, sua atividade preferida acaba sendo invariavelmente a “brincadeira”.

“Brincar” é, de fato, um significante intenso no livro. Como observa Maria Augusta Fonseca a partir de uma nota do próprio autor, na cultura popular esse verbo polivalente pode assumir desde o sentido de “cantar dançando” até o de “realizar cerimônias de feitiçaria”, sendo ambos cabíveis em distintos momentos da narrativa. Além disso, lembra Ettore Finazzi-Agrò, o romance introduz um personagem que “brinca” o tempo todo com a realidade e com os seres à sua volta, assim como o seu artífice literário joga de tal forma com a tradição que “o texto e seu discurso não podem senão conservar a sua natureza de ‘brinquedo’, não podem senão ser fruto de uma alusiva ‘brincadeira’”.⁶

Mas o “brincar” de Macunaíma comporta sobretudo uma forte conotação erótica. Supondo uma dimensão infantil, as “brincadeiras” em questão remetem por certo à sexualidade perversa e polimorfa das crianças, ainda livre de todo agenciamento repressivo do mundo adulto. Não é por acaso que essa dimensão encontra um forte paralelo no sentido corrente que o folclore brasileiro atribui ao mesmo verbo.⁷ “Brincar do que?” – pergunta uma inocente cunhã ao lúbrico personagem. “Brincar de marido e mulher!” – responde, categórico, o “herói da nossa gente”.⁸

Não são poucas as cenas do romance em que as “brincadeiras” se repõem, oferecendo um singular repertório de possibilidades eróticas. Entre elas, porém, destaca-se em especial a passagem em que o protagonista e sua companheira Ci, depois de brincarem “num deboche de ardor prodigioso” e tendo sido, por isso mesmo, “despertados inteiramente pelo gozo”, dedicam-se a inventar novas posições sexuais. Pouco conhecidos, esses parágrafos consagrados às “artes de brincar” merecem ser reproduzidos na íntegra:

“§ Um jeito engraçado era enrolar a rede bem e no rolo elástico sentados frente a frente brincarem se equilibrando no ar. O medo de cair condimentava o

⁵ Darcy RIBEIRO, “Liminar – Macunaíma” in Mário de Andrade, *Macunaíma – O herói sem nenhum caráter*, São Paulo: Edusp / Coleção Archivos, 1996, p. XX.

⁶ Cf. Maria Augusta FONSECA, “A carta pras Icabirias” e Ettore FINAZZI-AGRÒ, “As palavras em jogo” In Mário de ANDRADE, *Macunaíma – O herói sem nenhum caráter*, op. cit., 1996, p. 343 e 318.

⁷ Cf. Luís da Câmara CASCUDO, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1964, Vol. 2, p. 112.

⁸ Mário de ANDRADE, *Macunaíma – O herói sem nenhum caráter*, op. cit., 1996, p. 103.

prazer e as mais das vezes quando o equilíbrio faltava os dois despencavam no chão às gargalhadas desenlaçados pra rir.

§ Outras feitas Ci balançava sozinha na rede, estendida de atravessado. Macunaíma convexando o corpo entre dois galhos baixos em frente buscava acertar no alvo o uauizê⁹. Acertava bem. E aos embalanços chegando e partindo a brincadeira esquentava até que não agüentando mais o imperador partia também no vô da rede num embalanço final.

§ Outras feitas mais raras e mais desejadas o herói jurava pela memória da mãe que não havia de ser perverso. Então Ci enrolando os braços e as pernas nas varandas da rede numa reviravolta ficava esfregando o chão. Macunaíma vinha por debaixo, enganchava os pés nos pés da companheira, as mãos nas mãos e se erguendo do chão com esforço, principiavam brincando assim. Dava uma angústia de proibição esse jeito de brincar. Carecia de um esforço tamanho nos músculos todos se sustentando, o corpo do herói sempre chamado sempre puxado pelo peso da Terra. E quando a felicidade estava para dar flor o herói não se vencia nunca, mandando juramento passear. Abria alargado os braços e as pernas, as varandas da rede afrouxavam e os companheiros sem apoio tombavam com baque seco no chão. Era melhor que Vei, a sol!

§ Ci tiririca se erguia sangrando e dava sovas tremendas no herói. Macunaíma adormecia no chão entre pauladas, não podendo viver mais de tanta felicidade. Era assim”.¹⁰

Publicada apenas na primeira versão do livro, essa seqüência detalhando os “brinquedos” criados pelos amantes tupiniquins talvez seja a parte da narrativa que melhor se ajusta ao conceito de pornografia, considerando-se a acepção moderna do termo. Isso porque, nela, o escritor se entrega por inteiro à tarefa de descrever posições lascivas sem buscar qualquer justificativa fora do próprio sexo. Ou seja, embora *Macunaíma* não seja obviamente um texto que se possa classificar como pornográfico ou erótico, a obscenidade de tais parágrafos é sem dúvida exemplar. Cumpre interrogar, portanto, sua sumária exclusão nas edições seguintes do livro.

“As três f... na rede”

Ao que tudo indica, o trecho em questão nasceu de uma sugestão de Manuel Bandeira que, ao ler a primeira versão do romance, achou que Mário deveria ampliar os encontros eróticos entre o herói e Ci. Tendo acatado a sugestão do amigo, o escritor acrescentou a descrição das “artes novas de brincar” à narrativa, embora mais tarde tenha expressado arrependimento por essa inclusão.

Em carta de 29 de agosto de 1928, escrita logo após o lançamento do volume, o autor confidencia ao poeta: “ Se lembre que você me falou que pela importância que Ci tinha no livro, os brinquedos com ela estavam desimportantes por demais. Então matutei no caso, achei que você tinha razão e todas aquelas safadezas vieram então. Ficaram engraçadas, não tem dúvida, porém já arrependo de descrever as três f... na rede. Estou convencido que exagerei. Devia ter sido mais discreto e não deformar exagerando daquele jeito as coisas que escutei da rapaziada do Norte”. Mais à frente, ao comparar a tal seqüência com uma cena de *Amar, verbo intransitivo* – na qual se percebe “menos realista e bem mais lírico” –, ele conclui: “Se Macunaíma algum dia tiver a honra duma segunda edição acho que refundo aquilo”.¹¹

Com efeito, chegado o momento da nova publicação, Mário manda eliminar a passagem que, por ter sido construída com razoável autonomia, não redundava em prejuízos ao desenvolvimento da

⁹ “Uiaquizê”: possível corruptela de “uiariquinizês”, termo nhambiquara para designar o órgão sexual masculino.

¹⁰ Mário de ANDRADE, *Macunaíma – O herói sem nenhum caráter*, op. cit., 1996, p. 25.

¹¹ Marcos Antônio de MORAES (org.), *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, São Paulo, Edusp/IEB, 2000, p. 402.

narrativa. Todavia, não deixa de surpreender que tal exclusão seja feita pelo mesmo autor que sempre reivindicou a incorporação das formas rebaixadas da língua na literatura do país.

À respeito desse episódio, Telê Porto Ancona Lopes interpreta que “retirado o trecho, ganha a síntese que sabe sugerir e que escapa à saturação; ganha a preocupação com a estrutura. A perda, bem pesada esta supressão, lesa um bom testemunho do primitivismo em nossa vanguarda”.¹² Pode-se argumentar, contudo, que a seqüência suprimida dá mostras suficientes de manter o padrão de qualidade do restante do texto. Ademais, o caráter excessivo da descrição sexual – ao qual alude o autor ao admitir ter deformado e exagerado o que ouvira “da rapaziada do Norte” – é convocado com toda propriedade, evocando um dos expedientes fundamentais da erótica literária. O problema parece estar, portanto, no fato de que o trecho cortado deixa de ser meramente alusivo para assumir um tom francamente obsceno. Em suma, o problema não é de ordem estética, mas sim moral.

Entende-se por que *Macunaíma* se torna rapidamente alvo de acusações de atentado ao pudor e, durante muito tempo, é tido como leitura proibida. Muitos anos depois do lançamento do livro, Mário ainda reclama das atribuições de licenciosidade ao texto, como lamenta em carta de 1942: “Eu sei que *Macunaíma* não é imoral. Eu usei *também* da imoralidade, não minha, mas do meu herói pra caracterizar a insuficiência moral do homem brasileiro. Eu sei que existe na comicidade gozada do livro um tal ou qual compromisso meu, de autor, com a imoralidade do meu herói, melhor: com a desmoralidade dele”. Ou, como coloca em outra ocasião, evocando o famoso trecho suprimido: “duvido que seja possível a qualquer humano, mesmo lendo a descrição cômica dos diversos coitos em rede, sentir no corpo o menor sussurro de sensualidade. Isso é Arte.”¹³

Em que pese o fato de estar o autor se defendendo de acusações um tanto indevidas, suas considerações não deixam de sugerir uma dificuldade de acatar o caráter puramente pornográfico das safadezas que ele próprio criou. No final das contas, aquilo que Mário parecia criticar na época em que estava terminando o romance – a “desorganização” da pornografia nacional, que corre de boca em boca mas não pode ser admitida como literatura –, acaba conformando também seu discurso ao justificar as obscenidades do livro. Ou pornografia ou arte, supõe o juízo cauteloso do escritor. Ou a cona ou a lira, para traduzir nos termos de Verlaine.

Apesar disso, é justamente a lida com esse registro baixo da língua, tão bem praticada em *Macunaíma*, que vai consolidar uma das vertentes mais vigorosas da nossa literatura, abrindo-nos a possibilidade de interrogar o erotismo literário do país e, de quebra, de colocar em cheque as intrincadas relações entre o alto e o baixo na cultura brasileira. Daí o formidável comentário de Manuel Bandeira, em carta a Mário de Andrade na qual acusa o recebimento da primeira edição do romance, condensando a força do texto ao elogiá-lo por “esse lirismo essa graça essa sacanagem esse verbalismo popular”.¹⁴ Entre a lírica e a sacanagem, as duas.

Referências Bibliográficas:

Mário de ANDRADE, *Macunaíma*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

¹² Cf. Telê Porto Ancona LOPEZ In Mário de ANDRADE, *Macunaíma – O herói sem nenhum caráter*, op. cit., 1996, p. 25, nota 9.

¹³ Cf. “Considerações em cartas” In Mário de ANDRADE, *Macunaíma – O herói sem nenhum caráter*, op. cit., 1996, p. 515 e 523.

¹⁴ Marcos Antônio de MORAES (org.), *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, São Paulo, op. cit., p. 399.

Mário de ANDRADE, *Macunaíma – O herói sem nenhum caráter*, São Paulo: Edusp / Coleção Archivos, 1996.

Luís da Câmara CASCUDO, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1964.

Eliane Robert MORAES, “Eros bem comportado”, caderno *Mais!*, suplemento de “A Folha de São Paulo”, São Paulo, 24.08.97.

_____, “Essa sacanagem” In *IDE Psicanálise e Cultura*, nº. 41, São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicanálise, 2005.

Marcos Antônio de MORAES (org.), *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, São Paulo, Edusp/IEB, 2000.

Paul VERLAINE, “Hommage Dû”/“Homenagem Devida” In José Paulo Paes (org.) *Poesia Erótica em Tradução*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

* Profa. Dra. Eliane Robert Moraes (coordenadora)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Centro Universitário Senac-SP
elianermoraes@uol.com.br